



II SEMANA DE PEDAGOGIA

EDUCAÇÃO, PESQUISA E ENSINO:
CONSTRUINDO E (RE)CONSTRUINDO SABERES



CAMPUS DE
VITÓRIA DA CONQUISTA

19 A 23 DE AGOSTO DE 2024



CANDOMBLÉ NA ESCOLA E AÇÕES AFIRMATIVAS: A EXPERIÊNCIA DE DUAS OFICINAS NA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DO MIRO CAIRO

Eduardo de Oliveira Gusmão¹

Resumo

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de um relato de experiência da realização de duas oficinas ocorridas na Biblioteca Comunitária Miro Cairo, em Vitória da Conquista – BA. Tem aqui como objetivo apresentar essa experiência e a partir dela pôr a luz seus resultados e as discussões que podem ser levantadas sobre o papel da universidade pública e a importância da educação em espaços não formais. As oficinas cumpriram um importante papel para levar a universidade até o bairro Miro Cairo, fazendo cumprir uma de suas diversas funções sociais, pois sendo a universidade sustentada sobretudo por recursos públicos, é importante que suas produções retornem à sociedade. As oficinas contribuíram também para que osicineiros adquirissem conhecimentos necessários para lidarem com diferentes públicos em um espaço diferente da sala de aula formal.

Palavras-chave: Educação em espaços não formais; racismo religioso; ações afirmativas.

INTRODUÇÃO

A educação em espaços não formais é uma importante extensão da educação formal quando esta não consegue chegar a todos os espaços, sendo limitada sobretudo aos muros da escola.

a Educação não formal designa um processo com várias dimensões, tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. (Gohn, 2006, p. 2).

Tendo em vista o cumprimento de determinadas legislações referentes a educação, como a Lei 10.639 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena, é sabido que, a partir de inúmeros trabalhos sobre o cenário educacional brasileiro na contemporaneidade, nos espaços escolares ainda se enfrentam diversos desafios

¹ Graduando em Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); bolsista do Programa de Educação Tutorial Institucional (PETI) de Ciências Sociais

para que determinados temas e discussões cheguem aos alunos. Esses problemas vão desde falta de estrutura institucional, insuficiência curricular até a preparação dos docentes que por vezes decidem ignorar a existência de determinadas questões que acometem os discentes. Nesse sentido, a educação em espaços não formais oferece possibilidades para pôr a luz essas questões que são deixadas de lado no ensino formal. Assim, o trabalho que se segue visa colocar em evidência essas possibilidades com base numa experiência em educação em um espaço fora dos muros da escola ou da universidade, referente a duas oficinas executadas na Biblioteca Comunitária Miro Cairo, como pré-requisito de conclusão da disciplina Estágio Curricular Supervisionado em Ciências Sociais II ministrada pelo Prof. Me. José Miranda Oliveira Júnior. Objetiva-se ainda apresentar os resultados dessa experiência e de como ela foi importante para levar a universidade para além de seus muros, fazendo uma de suas muitas funções sociais que é de sua produção retornar à comunidade ao qual ela está inserida. A escolha dos temas das oficinas e local foram feitas em grupo tendo em perspectiva a urgência e dever social da universidade de chegar a outros espaços, trabalhando com temas que são de interesse público como o acesso e permanência na universidade pública e com fins de promover uma educação para as relações étnico raciais, colocando a luz que religiões de matriz africana também estão na escola.

CANDOMBLÉ NA ESCOLA E AÇÕES AFIRMATIVAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE DUAS OFICINAS NO MIRO CAIRO

A ementa da disciplina foi organizada da seguinte forma: como requisito para conclusão da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Ciências Sociais II, ministrada pelo Prof. Me. José Mirada Oliveira Júnior, foi solicitado a realização de uma ou mais oficinas em espaços de educação não formais. Com data limite até dia 20 de junho para tal atividade e 27 de junho para entrega do relatório final. A turma fora dividida em grupos, aos quais cada um ficou responsável pela escolha livre de um ou mais temas para realização de suas respectivas oficinas. O projeto da oficina deveria ser, previamente a sua realização, apresentado em sala de aula para avaliação e aprovação do docente da disciplina.

A primeira reunião ocorrida no dia 5 do mês de abril tratou da escolha dos conteúdos centrais que seriam ministradas, do(os) local(ais) ao qual ocorreria e o número de oficinas. Foi decidido, no conjunto dos membros, a possibilidade de o local ser a Biblioteca Comunitária Miro Cairo, gerida pela pedagoga e conselheira tutelar Mickelle Xavier e localizado ao lado externo do Anel Rodoviário Jadiel Matos Oeste em relação ao centro de Vitória da Conquista.

A escolha se deu pela sua localização periférica e mais distante da universidade, logo, fazermos chegar enquanto nomes e sobrenomes representando uma instituição pública a ser ocupada pelos nomes e sobrenomes depois de nós constituiu uma justificativa social por si só. As temáticas escolhidas estavam de acordo às orientações dadas pelo docente da disciplina. Essas estavam entrelaçadas ao que era pesquisado e vivenciado pelos membros do grupo. Os membros foram divididos em dois subgrupos, aos quais cada um ficaria responsável pela organização de uma oficina, e nessas atividades estão inseridas: escolha de material complementar e teórico para fundamentação da temática; escolha metodológica; construção de material didático e programação. Ao grupo de forma geral, ficou a definição das datas e horários em diálogo com a responsável pelo espaço onde foram ministradas cada oficina.

A Biblioteca Comunitária Miro Cairo é um projeto sem fins lucrativos criada em 2019 que está localizada no Bairro Miro Cairo e gerida pela pedagoga e conselheira tutelar do município de Vitória da Conquista, Mickelle Xavier, e como consta no perfil da rede social do projeto foi criada com o objetivo de “aproximar a comunidade dos livros, como forma de amenizar as adversidades sociais sofridas. Nesse sentido, a biblioteca surge como um importante instrumento transformador, com ações pontuais voltadas a incentivar o interesse de toda a comunidade”. A biblioteca conta com um acervo de livros de diferentes áreas do conhecimento e literatura, atividades de integração da comunidade, doação de materiais escolares e reforço escolar e ações culturais. O público é majoritariamente composto por jovens e crianças negras e periféricas residentes do Miro Cairo e de outros bairros próximos e é mantido pela comunidade e por voluntários para a manutenção de suas atividades e de seu espaço.

A primeira oficina foi intitulada “O Candomblé também está na escola, mas como? A violência escolar e o retrato do racismo religioso nos ambientes de ensino” e ela teve como objetivo geral discutir a violência sofrida pelos praticantes de candomblé nas instituições de ensino. E como objetivos específicos buscamos ouvir dos participantes das oficinas seus relatos sobre esse tipo de violência, discutir a origem do racismo religioso e práticas de prevenção. Tal oficina foi pensada tendo em mente a emergência do combate ao racismo religioso na escola, o que envolve não somente a transferência de um conjunto de informações, mas uma educação para as relações étnico raciais. Como aponta Stela Guedes Caputo (2008, p.173) “Crianças de candomblé frequentam escolas como qualquer criança de qualquer outro credo, mas ‘não são vistas’, ‘não existem’ e, ‘quando existem’ são encaradas por muitos professores e professoras como ‘um problema a ser resolvido’”. Nesse sentido, a Biblioteca Comunitária Miro Cairo na

realização da oficina torna-se um importante espaço para quebrar esse silenciamento, colocando em prática uma atividade de escuta e participação.

O público alvo era composto por jovens e crianças. Assim, a metodologia e a didática utilizadas deveriam estar centradas numa dinâmica mais participativa e linguagem mais simples de forma que o conteúdo chegasse ao público. Foi selecionado um material didático simples que apresentasse o candomblé para servir de base teórica e contemplar os membros do grupo que não eram familiarizados com a religião. A partir desse material, foram construídos cartazes e folders informativos para distribuir ao público e para serem deixados na própria biblioteca para usos futuros em atividades. Como dinâmica, foi sugerido que o público construísse um painel com imagens e frases que os ministrantes iriam levar como um jogo de perguntas e respostas.

Apesar de tímidos no início, houve participação deles à medida que a oficina ia se desenrolando. Ouvimos relatos, tanto de violências que eles presenciaram quanto de violências que sofreram. Vale destacar a criança praticante de uma religião de matriz africana, que neste dia estava calado, algo que a coordenadora Mickelle pontuou que era incomum pois aquela criança costumava ser mais participativa e comunicativa. Esse silêncio, segundo sua mãe, decorreu de uma violência sofrida por ele poucos dias antes motivada pelo racismo religioso, pois na ocasião ele estava com suas vestes tradicionais da religião.

A segunda oficina foi intitulada “Ações afirmativas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB): Você sabe como funciona?” e ela foi pensada tendo como objetivo apresentar as políticas de ações afirmativas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e suas formas de ingresso assim como sua importância e apresentar as políticas de permanência da universidade. Tendo o mesmo público da oficina anterior, tem como metodologias o uso de audiovisual, dinâmica de construção de um painel e a utilização de cartilhas didáticas.

Para além disso, objetivamos levar uma conversa para o público sobre horizontes de possibilidades que eles podem construir na universidade, tendo em vista que moradores de regiões mais periféricas em muito desconhecem as formas de ingresso e permanência que as universidades possuem.

Fruto de muita luta organizada pelo Movimento Negro, a política de cotas, em especial as cotas raciais, tem contribuído para a democratização do acesso de negros/as e pardos/as ao ensino superior. No que tange a Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB), é importante ressaltar, que as Universidades Estaduais baianas apresentam uma série de especificidades na implementação das ações afirmativas, sendo, inclusive pioneiras na construção desta política

(Ferraz, 2020). Tal fator, aparece como interessante para compreendermos a política de ações afirmativas na UESB. (Oliveira, Conceição, 2024, p.2)

O encontro na biblioteca foi marcado por longas conversas sobre as trajetórias de cada um, como forma de demonstrar também para o público as possibilidades que eles próprios podem ter em suas próprias trajetórias. Osicineiros vieram de realidades diversas e diversas também foram suas trajetórias e perspectivas de futuro, algo que foi compartilhado no encontro.

A oficina se iniciou de forma semelhante a anterior, nos apresentando e pedindo aos novos rostos que se apresentassem também. Depois, osicineiros passaram para perguntas sobre o que eles entendiam sobre o ensino superior e as formas de ingresso. Apenas o jovem estudante do ensino médio tinha alguma compreensão dessas políticas. A pedido da coordenadora da biblioteca, apresentamos também nossas próprias trajetórias educacionais desde a infância até o nosso ingresso na universidade. Todavia, não foi somente das políticas em si que tratamos, mas também das dificuldades e desafios diários que enfrentamos e a importância da luta por esses direitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As oficinas cumpriram um importante papel para levar a universidade até o Miro Cairo, fazendo cumprir uma de suas diversas funções sociais. Mas para além de levar conhecimento, também foi um momento de aprendizado, pois sem aqueles jovens e crianças não haveriam professores e professoras que não estão atentos a realidade de seus alunos apenas reproduzem modelos ao contrário de se construir possibilidades. A experiência contribuiu, sobretudo, para que osicineiros adquirissem conhecimentos necessários para lidarem com diferentes públicos em um espaço diferente da sala de aula formal. Vale ressaltar ainda que, como um dos resultados do conjunto de oficinas, houve uma produção artística de uma das participantes do público, mostrando que aqueles diálogos chegaram até eles.

REFERÊNCIAS

CAPUTO, Stela Guedes. Ogan, adósu, òjè, ègbónmi e ekedi: O candomblé também está na escola. Mas como?. IN: MOREIRA, Antônio Flávio, CANDAU, Vera Maria (orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2008.

OLIVEIRA, Ivanete A.; CONCEIÇÃO, Emili A. **Porta adentro, luta afora: astrajetórias de estudantes cotistas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia**. Anais do IV Congresso de Pesquisadores Negros do Nordeste, 2024.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal na pedagogia social. **1º CONGRESSO. INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL**. *Anais...* Mar. 2006. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034. Acesso em: 18 de agosto 2024.